

## Dois estilos de ensinar

*Fernando dos Santos Neves (2011) Introdução ao Pensamento Contemporâneo, Razões/Finalidades/Tópicos, Edições Universitárias Lusófonas*

*Christopher Damien Aretta (2012) Diário de Bordo, Aspectos do Pensamento Contemporâneo, Edições Colibri*

A saída quase simultânea de ambas as obras é sinal da relevância do seu conteúdo comum: uma disciplina que tem por núcleo o “Pensamento Contemporâneo” – abordado de forma por vezes contrastante, entre ambos os Autores – é pedra de toque comum às formações de 1º ciclo numa Faculdade de Ciências e Tecnologia, e nas Universidades Lusófonas que residem em pelo menos 2 continentes.

De acordo com a tese comum a ambas as obras, sou levado a comparar o estilo dos dois Autores, e dos seus cursos. Relevo, ao fazê-lo, o conceito de estilo, introduzido por Granger e revisto por Mancosu, *in re mathematica*. Consiste no conjunto de notas indeléveis como impressões digitais, que são traços de autoria em cada obra científica; e a obra inclui as disciplinas, os cursos, e os discursos. Uma metodologia que Fernando Gil praticou, ao comparar as prosas de Mira Fernandes, Sebastião e Silva e David Lopes Gagean.

O estilo é o homem – lugar comum. E vão ser a vida e a persona dos Autores separados por 2 gerações académicas, a explicar as opções feitas por cada um. No caso de Santos Neves, um trajecto Sul -Norte, encetado pela missão angolana e culminando em Maio 68, por vezes vivido como uma celebração espiritual; em Aretta, 2 polaridades atlânticas, uma californiana, no traço de Jorge de Sena, outra lisboeta lisboeta. No cruzamento dos 2 eixos, a lusofonia.

Examinemos alguns dos conteúdos temáticos explanados em Neves (2011), pp 81-89:

- um léxico onde aparecem “ruptura”(1)(10), “anarquista”, “a escola contra”(16), “morte de Deus” (31), “Grafittis” (36), “revolução cultural” (76); este primeiro inventário denota uma consistente rebeldia (os números indicam os textos da bibliografia).

- os traços de 2 gerações intelectuais, comuns aos nomes de Fernando Gil, Armando Castro, Gomes Canotilho, Mariano Gago, Manuel Ferreira, Sedas Nunes, Alçada Baptista, Bento Caraça, Manuel Antunes (excluo todos os nomes de Professores da Lusófona); o tom comum é o de uma esquerda democrática, com peso institucional e intelectual.

-o gosto pelo manifesto- enumeramos o de Corbusier, o do Bauhaus, os do futurismo e do surrealismo, para além do Anti-Dantas; faltam quiçá os manifestos comunista e da transdisciplinaridade, havendo porém curtos manifestos da lavra de Santos Neves e Mariano Gago;

Os textos numerados 42 a 51, tendo por título comum “paradigma” ou “epistema-paradigma”, onde se perfilam os (vastos) nomes de Marx, Freud, Nietzsche, Darwin, Einstein, Sartre, cuja sucessão, porque significativa, parece inconscientemente intencional;

-duas opções educativas, papel do Reitor: Bolonha(55 a 61) e a lusofonia (39 a 41)

-referências estéticas, que são matéria de gosto – Pessoa, Calvino, Dylan, Zeca Afonso, Almada, Antero – a ordem, sem ser cronológica, é consistente;

-um pequeno número de Autores estrangeiros-Feyerabend, os enciclopedistas, Sartre, Jay Gould, a ausência- surpreendente- de ensaístas lusófonos, e a presença empenhada de Professores da ULHT.

É pois este volume o depositário dum trajecto empenhado, que dá a volta ao mundo e se completa numa disciplina académica que é denominador comum a uma rede de universidades.

O “Diário de Bordo “dá nota de uma abordagem diferente, feita de aproximações sucessivas, que vou tentar descrever. A chave hermenêutica, encontro-a na p. 478.

Cito o longo título:

“Aspectos do Pensamento contemporâneo

Dissonâncias

(um programa antigo, antes de ter encetado um diálogo prolongado com estudantes, i. e., antes de ter havido o encontro catalizador com os alunos de APC)”

Interpreto:

“Aspectos” contrasta com “Introdução” em Santos Neves; mostra uma disciplina de geometria variável, cuja versão actual é um programa em 7 núcleos temáticos, pp. 3-32 ou 9+1, como aparecem depois.

Que estudantes são esses, que catalizaram a geometria da disciplina? Os seus nomes ocorrem em “agradecimentos”, pp iv-vii; o 1º dentre eles, curiosamente, é caboverdiano.

Como contribuíram eles para transformar um programa inicial, estruturado em 10 dissonâncias matriciais, numa metodologia ritmada pelo tríptico “dissonâncias, Entrecruzamentos, Consonâncias”?

Uma parte da explicação, a meu ver, é de natureza combinatória; a cada aluno são recorrentemente pedidos “2 ou 3” itens a analisar, a partir de uma impressionante bibliografia que inclui também filmes e links na net. A cadeira assume-se assim como obra aberta, condenada a evoluir de forma imprevisível, mas previsivelmente criativa.

Um trio de referências recorrentes marca, por vezes, capítulos disjuntos deste trabalho:

Auschwitz/Primo Levi/Peace Studies.

Em síntese, 2 percursos não convergentes em torno à necessidade de uma formação nas diversas áreas de pensamento que nos são contemporâneas.

De certo modo, debato-me hoje com um problema semelhante. Dois projectos Erasmus Mundus, o EMMA WEST que coordeno, e o EMMA EAST para o qual trabalho neste momento, optam por encontrar pontes entre Europa e Ásia na cooperação universitária; quais são os

análogos das cadeiras acima em que nos é dado intervir? Um exemplo desse potencial ocorreu com as aulas de um etnomatemático nepalês, Bal Chandra Luitel, numa Universidade portuguesa. Vou procurar dar corpo, no ano que vem, a iniciativas comparáveis à “questa” de Santos Neves e Aurette.

È este o meu tributo e testemunho de Amizade quando se cumprem os 4 vezes 20 anos do Fernando.

Laos, 14 Outubro 2013

José Carlos Tiago de Oliveira